

VOLUME 7 - Nº 64 - Fev. 26.

Revista Carreiras TI

VOCÊ NUNCA MAIS VAI APRENDER SOZINHO

O PAPEL DO MENTOR VIRTUAL EM 2026



<https://carreirasti.ewsystemasti.com.br>

ISSN 2675- 9454



9 782675 945404

Editorial

Editor Chefe: Prof. Ednewton de Vasconcelos

Revisão: Yara Christina de V Costa

Editor Científico: Prof. Robson do Nascimento

Editora Assistente: Profa. Gleice Louise

Editor Executivo: Prof. Alexandre Gomes

Comitê Editorial:

Prof. Adão dos Santos

Prof. Fernando Gonçalves

Prof. Eng. Paulo Teixeira Noletto



EW SISTEMAS TI

ESCRITÓRIO EDITORIAL

SHS Q. 06 Complexo Brasil 21. Bloco A Sala

501, Asa Sul. Brasília-DF. CEP: 70.316-000

Telefone: (61) 4042-0701



REVISTA DISTRIBUÍDA E COMERCIALIZADA

Por Ew Sistemas TI



<https://ewsistemasti.com.br>

comercial@ewsistemasti.com.br

<https://carreirasti.ewsistemasti.com.br/>



NOTA

Para ter uma melhor experiência na leitura da revista, sugerimos que leia no computador ou tablet.

CarreirasTI

Uma realização:

Ew Sistemas **TI**

Expediente



EW SISTEMAS TI

ESCRITÓRIO EDITORIAL

SHS Q. 06 Complexo Brasil 21. Bloco A Sala 501, Asa Sul. Brasília-DF. CEP: 70.316-000.
Telefone: (61) 4042-0701



Volume 7 - N° 64 - Fev. 25.

Ano - 2026

Periodicidade - Mensal

ISSN - 2675-9454

Registro do International Standard Serial Number ISSN no Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia (IBICT), em Brasília sob o número: 2675-9454.



Anúncios

Os anúncios veiculados na Revista Carreiras TI, são de inteira responsabilidade das empresas.



Autores mantêm os direitos autorais e concedem à revista o direito de primeira publicação, com o trabalho simultaneamente licenciado sob a Creative Commons Attribution License.

Permitindo o compartilhamento do trabalho com reconhecimento da autoria do trabalho e publicação inicial nesta revista.



IMAGENS

As imagens veiculadas na Revista Carreiras TI são retiradas do site pixabay.com e canva.com. As mesmas são permitidas o uso. Todos os direitos reservados aos autores de cada uma das imagens, figuras, vetores etc, e aos sites: pixabay.com e canva.com.

As imagens das Colunas são de responsabilidades de seus autores.



COLUNAS

As colunas: Observatório Digital, Novidades em TI, Gerenciamento de Projetos, Liderança Ágil, Aprender-Desaprender-Reaprender, Segurança e Defesa Cibernética. Os textos, fotos, imagens etc. São de inteira responsabilidades de seus autores. A Revista Carreiras TI respeita a propriedade intelectual dos mesmos.

CarreirasTI

Uma realização:





COLUNAS

9 **Prof. Robson do Nascimento** -
Aprender-Desaprender-
Reaprender



13 **Prof. Fernando Gonçalves** -
Novidades em TI



19 **Jony Zatariano** -
Hobbies que inspiram e
constroem



23 **Dra Géssica Moura Fonteles** -
Empodere-se no direito



28 **Juliano Heinzemann Reinert** -
Gestão de Projetos e
Infraestrutura de TI na prática!



32 **Wislen Paiva**
Aprendiz de Psicologia



Revista Carreiras TI

*Entre Emoções e Sonhos:
O que move a vida e pode nos conectar em 2026?*

EDIÇÃO ANTERIOR



Você pode ler, ainda dá tempo, pois nós temos todas as edições online no endereço eletrônico:

<https://carreirasti.ewsistemasti.com.br>

Acesse agora mesmo o site ou o app para ler todas as edições.

Revista Carreiras TI.

ISSN 2675- 9454



9 782675 945404

Projeto Hearing Him ORG



Conectar



Inspirar



Escutar



Refletir



Comunidade

BÍBLIA

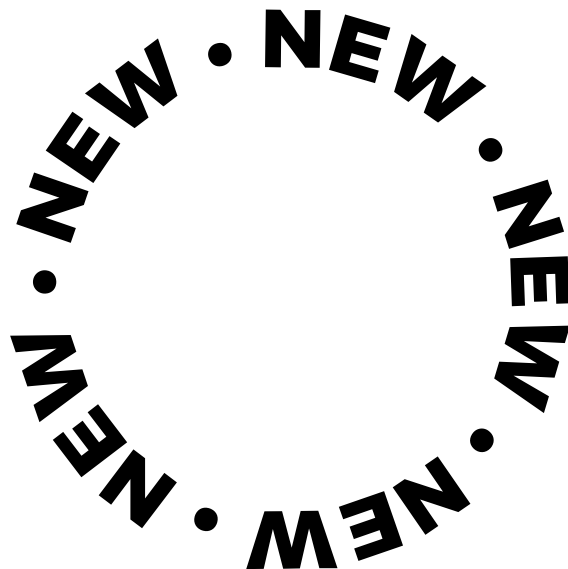


Crescer

<https://hearinghim.org>

VISÃO

POR EDNEWTON DE VASCONCELOS



JORNADA COM CLAREZA

Caro leitor,

A **Revista Carreiras TI** (Volume 7, Nº 64 — Fev/2026) abre o mês focada no protagonismo: como assumir o controle da sua carreira em um mercado que não aceita mais a passividade?

Nesta edição, **Jony Zatariano** provoca em **“O Futuro da Liderança Não Cabe no Organograma!”**, mostrando como a postura empreendedora e os hobbies transformam a gestão em liderança real.

Na coluna **Aprender-Desaprender-Reaprender**, o **Prof. Robson do Nascimento** apresenta o papel do “Mentor Virtual em 2026”, revelando como a IA se tornou o aliado indispensável para quem não quer mais aprender sozinho.

Em **Empodere-se no Direito**, a **Dra. Gessica Moura Fonteles** traz a “Alma Digital”, discutindo os limites jurídicos da imagem e voz diante dos avanços da Inteligência Artificial.

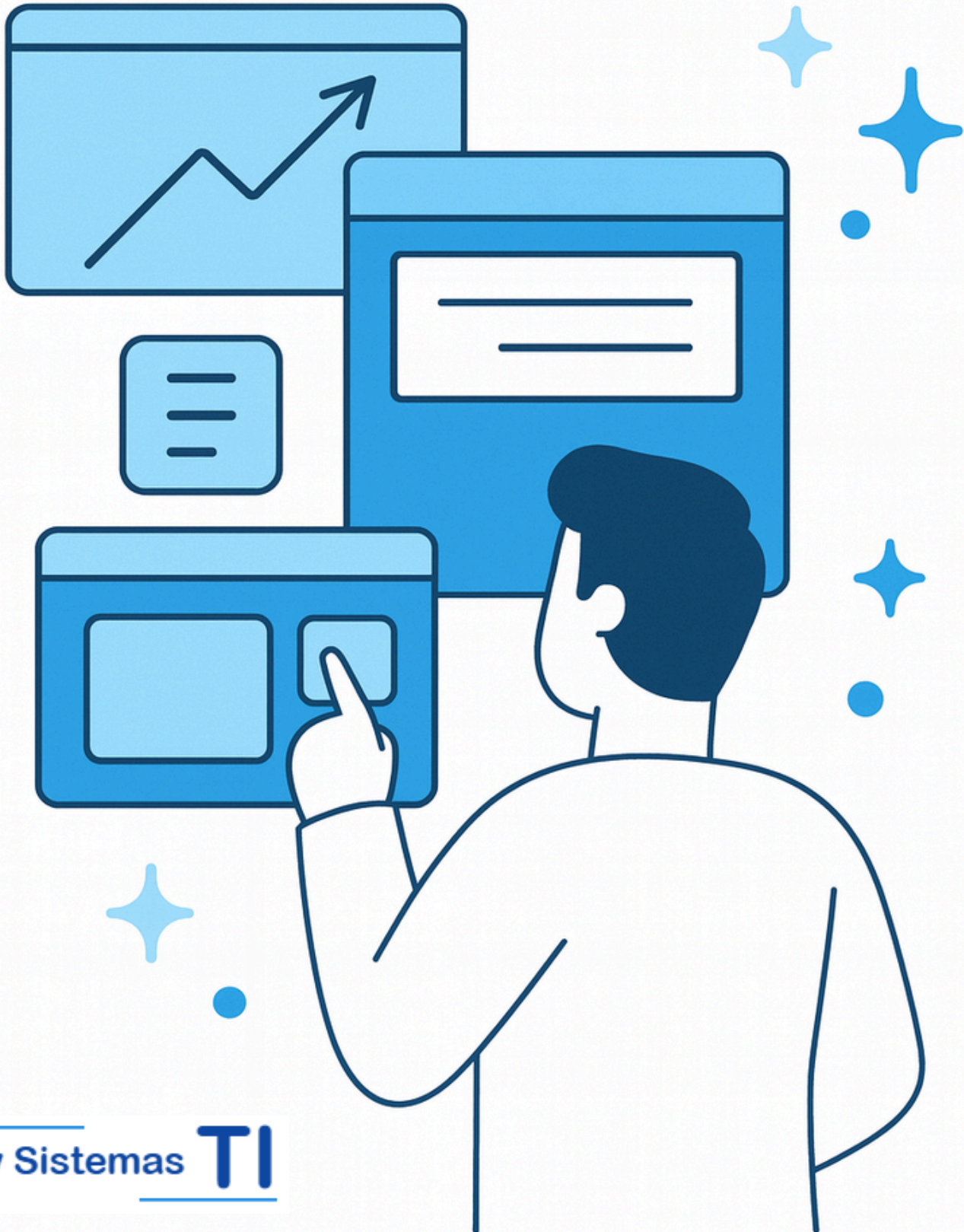
Já **Prof. Juliano Heinzemann Reinert** analisa o **“Gestor de Infraestrutura que virou Gestor de Negócios”**, destacando a nova carreira em TI focada em estratégia e valor.

Fechando a edição, em **Aprendiz de Psicologia**, **Wislen Paiva** aborda “Os vilões e sua saúde mental”, conectando ficção, estigmas e a construção do novo eu com responsabilidade ética.

Boa leitura — e que fevereiro seja o mês de liderar sua própria jornada com clareza e propósito.

CONSULTORIA DA EW SISTEMAS TI

Coaching para Líderes





Prof. Robson do Nascimento

Mestre em Aplicações Militares, com foco em Logística. Possui especializações na área de Tecnologia em Análise de Sistemas e Gerência de Rede de Computadores. É docente dos cursos de graduação e de pós-graduação da Fundação Getúlio Vargas (FGV).

Esta coluna é um convite a Desaprender - substituição de aprendizagem inútil, que você aprendeu, para Reaprender - gerar experiências cognitivas mais adequadas à percepção da realidade e permitir que você se adapte, evolua e cresça.

Aprender-Desaprender- Reaprender

Você nunca mais vai aprender sozinho - o papel do mentor virtual em 2026

Se você trabalha com TI, já sabe: a tecnologia não para. E acompanhar esse ritmo, sozinho, tem se tornado uma missão quase impossível.

No mês passado, falamos sobre uma mudança que já não dá mais para ignorar: o **modelo tradicional de formação** — aquele feito de currículos rígidos, cursos longos e a velha lógica de "estude agora para trabalhar depois" — simplesmente não acompanha mais o mundo real. O resultado é claro: se a formação perde relevância, a carreira deixa de seguir aquela linha reta confortável que um dia existiu. E isso abriu duas perguntas que ficaram pairando no ar: **o que surge no lugar desse modelo que desabou?** E como construir uma carreira que está sempre em movimento - sem perder o rumo?

Pois bem, essa resposta começou a ganhar forma em 2025, quando [um artigo da Folha de S.Paulo](#) chamou atenção ao descrever o futuro da universidade como um sistema vivo, que se adapta ao ritmo de cada estudante - guiado por uma Inteligência Artificial (IA) que atua como um tutor personalizado.

A ideia parecia futurista. Mas 2026 chegou e já deixou claro: não é mais futuro. É agora.

A verdade incômoda: ninguém dá conta de aprender sozinho nesse ritmo

Quem trabalha em TI sente isso na pele e no dia a dia. A tecnologia não espera, as demandas não esperam - o mercado, muito menos.

Quando converso com profissionais, escuto sempre alguma variação da mesma frase: "Não sei como me atualizar sem me sentir exausto ou atrasado."

A resposta, embora simples, é um alívio: não dá para enfrentar 2026 sozinho — e tudo bem.

Mesmo quem tem disciplina, se vê, cedo ou tarde, atolado entre links salvos, cursos começados, arquivos pdfs acumulados e metas que não cabem mais no calendário. Aprender virou um ecossistema e esses ecossistemas precisam de ferramentas e aliados.

É aqui que entra o personagem central deste artigo: **o mentor virtual**.

O mentor virtual não é só uma ferramenta — é um companheiro de caminhada.

O termo pode parecer técnico, mas a função é simples: um mentor virtual é uma IA **que entende como você aprende, acompanha seu ritmo, ajuda a organizar o caos e aponta caminhos quando você perde o fio da meada.**

E, diferente do que muita gente imagina, não estamos falando de um **assistente robótico** que despeja respostas.

Vamos ver como isso funciona na prática, com situações que você provavelmente já viveu:

1 - Quando a teoria não vira prática

Paulo trabalha com suporte técnico e quer aprender programação. Ele salvou 23 tutoriais de Python, assistiu 8 vídeos sobre "como começar a programar", baixou 3 cursos completos. Mas nunca escreveu uma linha de código.

O mentor virtual **detecta** que "Paulo revisitou 5 vezes o conceito de 'variáveis' e 'loops', mas não praticou nenhum exercício."

E manda um recado simples — quase amigável:

- "Paulo, vamos tentar algo pequeno? Vamos escrever juntos um programinha de 5 linhas que calcule seu salário líquido. Eu te guio."

Paulo finalmente programa algo. Ele até ri:

- "Não ficou bonito... mas funcionou". E isso vale mais que 20 tutoriais.

2 - Quando o excesso de conteúdo paralisa

Marina é analista de marketing e precisa aprender Excel avançado. Começou 4 cursos diferentes, tem 30 abas abertas sobre fórmulas. Não terminou nenhum.

O mentor virtual **detecta**:

- "*Marina iniciou 4 trilhas nos últimos 15 dias e completou zero.*"

O mentor virtual intervém:

- "*Marina, vamos fechar UMA coisa esta semana? PROCV — 40 minutos. Você usa amanhã.*"

E pela primeira vez em muito tempo, ela sente progresso — não acúmulo.

3 - Quando a pressa faz pular etapas

Roberto, contador, quer aprender Power BI. Pulou etapas (como quase todo mundo). Foi direto para os gráficos de dashboards. Travou. O mentor virtual não dá bronca:

- "*Roberto, só falta uma base rápida aqui pra destravar. Vamos fazer um exercício de 8 minutos sobre importação de dados?*"

Roberto nem percebe que "voltou atrás". Para ele, foi um passo natural.

4 - Quando o tempo é curto e o objetivo é claro

Fernanda, gerente comercial, só tem 30 minutos por dia e precisa entender IA para conversar com o time técnico — não para virar especialista.

O mentor virtual adapta:

- "3 perguntas para fazer a um fornecedor de IA" (10 min)
- "Como saber se a solução é real ou promessa?" (15 min)
- "Checklist rápido: sua empresa está pronta?" (10 min)

Em três dias, Fernanda entra na reunião com confiança. Não por excesso de conteúdo, mas por foco.

O que todos esses casos têm em comum?

Estamos falando de um sistema que **aprende com você, sobre você e ao seu lado.**

Ele percebe quando você trava e propõe um exercício menor. Às vezes recupera algo que você pulou três aulas atrás e nem lembrava mais. É como um tutor que nunca perde a paciência e que não cobra hora extra... Ele está ali, todos os dias, com uma clareza que nós mesmos raramente temos da nossa própria evolução.

Na coluna de dezembro passado comentei do apresentador do SporTV que confiou cegamente em uma resposta saída de IA e mencionou ao vivo, cinco jogos que nunca existiram. Se tivesse um mentor virtual, talvez aparecesse um alerta:

"Esses jogos realmente ocorreram? Vamos checar a fonte?"

O papel do mentor virtual não é pensar por você. É impedir que você terceirize sua capacidade de julgamento.

O que o mentor virtual NÃO deve fazer

- Ele não escolhe sua próxima tecnologia — **ele sugere, você decide.**
- Ele não diz se você está pronto para uma vaga — **ele mostra lacunas, você avalia o timing.**
- Ele não evita frustração necessária — **alguns desafios precisam do desconforto.**
- Ele não cria dependência — **autonomia continua sendo seu melhor músculo.**

O que ele faz é eliminar a frustração **desnecessária**: a desorientação, a sobrecarga, o esquecimento.

A carreira que nunca para exige um mentor — não só cursos

Se a carreira deixou de ser uma linha reta e passou a funcionar como um ciclo contínuo de pequenas evoluções, então você precisa de **ritmo, direção e acompanhamento**.

Os cursos são importantes e sempre foram, mas eles são pontuais. A carreira, não.

A carreira acontece no intervalo entre os cursos. Nos dias em que você não estuda. Nos momentos de dúvida, nas decisões de rota que você toma (ou deixa de tomar) e na forma como você revisita e reorganiza o que já aprendeu.

O mentor virtual irá cuidar justamente do que ninguém vê: dos **fundamentos mentais** do seu crescimento.

Não espere que ele faça o trabalho por você. Ele só garante que você não se perca no caminho.

A real mudança de 2026

Os três pilares da coluna — agora sob uma nova luz

Aprender: aceitar que o mundo exige acompanhamento constante.

Desaprender: abandonar a ideia romântica (e solitária) de que ser autodidata resolve tudo.

Reaprender: construir evolução com um mentor virtual que acompanha sua trilha viva, seus ciclos curtos e sua maturidade profissional.

Para onde vamos agora?

2026 não é sobre aprender mais rápido. É sobre **aprender melhor**, com mais clareza e com critério e consciência.

A Inteligência Artificial pode ser seu mapa, sua bússola, mas quem escolhe o destino é você. Isso não mudou.

No próximo artigo, vamos trocar de cenário:

Se o mentor virtual cuida do **COMO** você aprende, a pergunta agora é **ONDE** isso acontece.

A sala expositiva morreu. O que surgiu no seu lugar?

E por que isso importa tanto para quem trabalha com tecnologia quanto para quem ensina?

Nos vemos em março.

Até lá!



Postagens no Blog

Segundas, Quartas e Sextas-Feiras

[Projeto Hearing Him](https://hearinghim.org)



Estudos, Revelações, etc.

Novidades em TI

Prof. Fernando Gonçalves

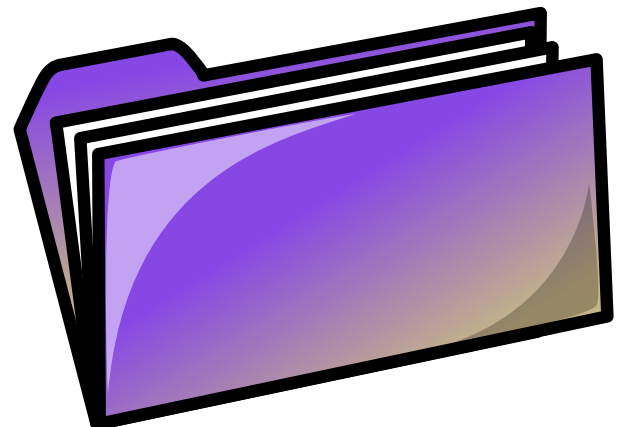
Sou um especialista em desenvolvimento de software com experiência em metodologias ágeis, incluindo Método Kanban, Framework Scrum, Framework SAFe e Modelo de Pensamento Flight Levels, aplicáveis em diversos setores, como bancário, financeiro, governamental, educacional, saúde, CRM, Growth Hacking e Omnichannel. Como agente de mudança, meu objetivo principal é maximizar o desempenho das equipes, garantir a compreensão e aplicação das práticas ágeis, treinar os times e aumentar a maturidade e produtividade. Além disso, busco inspirar pessoas e identificar oportunidades de melhoria para garantir entregas consistentes e previsíveis. Atualmente, estou focado na melhoria contínua com base em métricas ágeis e na redução de desperdícios.

Com certificações incluindo KCP, KMP, SAFe LPM, SAFe SA, SAFe SSM, FLSA, FMP, PSM I, PSM II, PSPO I, PSPO II, PSK I, PSFS, PAL I, PACC-A, PACC-P, PACC-E, PTMC, PTFC, PLAE, PKE, CLF, PBB, PM, OKRCP e MGT 3.0, além de formação multidisciplinar, incluindo Mestrado em Engenharia de Software, MBA em Data Analytics (em curso), especializações em Gestão de Projetos, Desenvolvimento de Sistemas para WEB, Sistemas Orientados a Objetos e Tecnologia da Informação, e Técnico em Magistério.

Ferramentas de Priorização do Backlog: Uma Análise Comparativa e Estratégica

Resumo

A priorização do backlog é uma atividade crítica no gerenciamento ágil de produtos, determinando o valor entregue aos usuários e o retorno sobre o investimento. Este artigo analisa as principais ferramentas e técnicas de priorização, discutindo seus fundamentos teóricos, aplicações práticas e eficácia relativa em diferentes contextos organizacionais. Com base em uma ampla revisão da literatura especializada, identificamos que a seleção da ferramenta adequada deve considerar fatores como maturidade do produto, complexidade do domínio e cultura organizacional.



1. Introdução

No desenvolvimento ágil de software, o backlog do produto representa um artefato central que contém todas as funcionalidades, melhorias e correções potencialmente valiosas para um produto (Pichler, 2010). Contudo, com recursos limitados e infinitas possibilidades de desenvolvimento, a priorização eficaz torna-se imperativa. A má priorização pode resultar em desperdício de recursos, insatisfação do cliente e perda de vantagem competitiva (Leffingwell, 2011). Este artigo tem como objetivo examinar as ferramentas de priorização mais difundidas na literatura e prática ágil, oferecendo uma estrutura para sua seleção e aplicação adequadas. A análise baseia-se em fontes bibliográficas consolidadas e relatos de práticas da indústria.

2. Ferramentas de Priorização: Fundamentos e Aplicações

2.1 MoSCoW

Desenvolvida como parte do método DSDM (Dynamic Systems Development Method), a técnica MoSCoW categoriza itens em quatro grupos:

- **Must have:** requisitos críticos para o sucesso
- **Should have:** importantes mas não vitais
- **Could have:** desejáveis mas não essenciais
- **Won't have:** excluídos do ciclo atual

Aplicação: Efetiva em contextos com restrições temporais fixas, como sprints time-boxed (Clegg & Barker, 2004). Limitação: tendência a classificar muitos itens como "Must have", diluindo a priorização real.

2.2 Value vs. Esforço (Matriz 2x2)

A matriz bidimensional posiciona itens do backlog em quadrantes baseados no valor percebido versus esforço estimado. Itens de alto valor e baixo esforço são priorizados (Cohn, 2005).

Variações: Incluem ROI (Retorno sobre Investimento), RICE (Reach, Impact, Confidence, Effort) e Kano Model integrado. A ferramenta RICE, popularizada pela Intercom, quantifica fatores como alcance e confiança para cálculos mais objetivos (McLeod, 2018).

2.3 Método de Priorização de Kano

Baseado no modelo de satisfação do cliente desenvolvido por Noriaki Kano, classifica funcionalidades em:

- Básicas
- Desempenho
- Encantadoras
- Indiferentes

Aplicação: Útil para inovação e diferenciação competitiva, mas complexo para iterações rápidas (Kano et al., 1984). Requer pesquisa contínua com usuários para classificação precisa.

2.4 Weighted Shortest Job First (WSJF)

Componente do Scaled Agile Framework (SAFe), o WSJF calcula a prioridade dividindo o custo do atraso pelo tamanho do trabalho. Fórmula: $WSJF = (\text{Valor de Negócio} + \text{Valor de Tempo} + \text{Redução de Risco/Oportunidade}) \div \text{Tamanho}$ (Knaster & Leffingwell, 2020).

Aplicação: Efetivo em portfólios grandes com dependências complexas. Crítica: depende criticamente da precisão das estimativas.

2.5 Dot Voting e Affinity Grouping

Técnicas colaborativas onde stakeholders votam em itens (dot voting) ou os agrupam por similaridade e importância (affinity grouping).

Aplicação: Valiosas para engajamento de stakeholders e consenso rápido, mas suscetíveis a viés de grupo e política organizacional (Gray et al., 2010).

2.6 Cost of Delay Divided by Duration (CD3)

Evolução do WSJF que considera explicitamente a duração. Prioriza itens com maior custo do atraso por unidade de tempo (Reinertsen, 2009).

Aplicação: Especialmente relevante em contextos onde o tempo de colocação no mercado é crítico.

3. Análise Comparativa

Ferramenta	Forças	Limitações	Contexto Ideal
MoSCoW	Simplicidade, rápida aplicação	Subjetividade, inflação de "Must have"	Projetos com prazos fixos
Matriz Valor/Esforço	Visual, intuitiva	Estimativas imprecisas distorcem resultados	Equipes iniciantes em priorização
Kano	Foco no usuário, inovação	Complexa, requer pesquisa contínua	Produtos maduros buscando diferenciação
WSJF	Considera múltiplas dimensões	Complexidade matemática, depende de estimativas	Organizações em escala com SAFe
Dot Voting	Colaborativa, democrática	Viés de grupo, dominação de vozes fortes	Culturas colaborativas e horizontais
CD3	Otimização econômica rigorosa	Requer dados históricos precisos	Indústrias com janelas de oportunidade estreitas

4. Fatores Contextuais na Seleção de Ferramentas

A eficácia das ferramentas varia conforme (Denne & Cleland-Huang, 2003):

1. **Maturidade do Produto:** Produtos novos beneficiam-se de Kano e pesquisas de usuário; produtos maduros de WSJF e CD3.
2. **Complexidade Organizacional:** Organizações grandes com múltiplas partes interessadas requerem ferramentas estruturadas (WSJF, RICE); startups podem preferir abordagens leves (MoSCoW, Dot Voting).
3. **Cultura de Dados:** Organizações orientadas a dados implementam melhor ferramentas quantitativas (WSJF, CD3); culturas intuitivas preferem abordagens qualitativas.
4. **Incerteza do Mercado:** Ambientes voláteis exigem priorização frequente e adaptativa, favorecendo técnicas ágeis como MoSCoW e matriz valor-esforço.

5. Tendências Emergentes

5.1 Priorização Baseada em Dados

Uso de analytics de produto (engajamento, retenção) e machine learning para prever impacto de funcionalidades (Kohavi et al., 2020).

5.2 Priorização Adaptativa

Sistemas que ajustam automaticamente prioridades baseadas em métricas em tempo real e mudanças no mercado.

5.3 Ética e Responsabilidade Social

Consideração de impacto ético, viés algorítmico e consequências sociais na priorização (Middleton et al., 2019).

6. Conclusão

Não existe uma ferramenta universalmente superior para priorização de backlog. A seleção ótima depende do contexto organizacional, maturidade do produto e cultura de decisão. Recomendamos:

1. **Combinação de Ferramentas:** Usar abordagens qualitativas (MoSCoW, Dot Voting) para alinhamento inicial e quantitativas (WSJF, RICE) para refinamento.
2. **Revisão Contínua:** Priorização é processo iterativo, não evento único. Revisar e ajustar ferramentas conforme o produto evolui.
3. **Transparência:** Documentar critérios e racional por trás das decisões de priorização para manter alinhamento organizacional.
4. **Validação Empírica:** Complementar ferramentas de priorização com experimentação (A/B testing, MVPs) para validar suposições.

À medida que os produtos digitais se tornam mais complexos e os ciclos de desenvolvimento mais rápidos, a priorização eficaz do backlog continuará sendo uma competência central para gestores de produto bem-sucedidos.

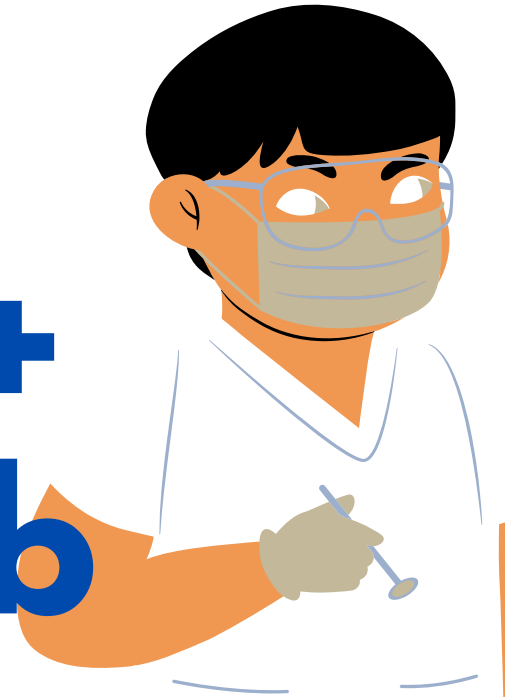
Referências Bibliográficas

1. Clegg, D., & Barker, R. (2004). *Case Method Fast-Track: A RAD Approach*. Addison-Wesley.
2. Cohn, M. (2005). *Agile Estimating and Planning*. Prentice Hall.
3. Denne, M., & Cleland-Huang, J. (2003). *Software by Numbers: Low-Risk, High-Return Development*. Prentice Hall.
4. Gray, D., Brown, S., & Macanuso, J. (2010). *Gamestorming: A Playbook for Innovators, Rulebreakers, and Changemakers*. O'Reilly Media.
5. Kano, N., Seraku, N., Takahashi, F., & Tsuji, S. (1984). Attractive Quality and Must-Be Quality. *Journal of the Japanese Society for Quality Control*, 14(2), 39-48.
6. Knaster, R., & Leffingwell, D. (2020). *SAFe 5.0 Distilled: Achieving Business Agility with the Scaled Agile Framework*. Addison-Wesley.
7. Kohavi, R., Tang, D., & Xu, Y. (2020). *Trustworthy Online Controlled Experiments: A Practical Guide to A/B Testing*. Cambridge University Press.
8. Leffingwell, D. (2011). *Agile Software Requirements: Lean Requirements Practices for Teams, Programs, and the Enterprise*. Addison-Wesley.
9. McLeod, J. (2018). *Intercom on Product Management*. Intercom.
10. Middleton, P., Taylor, P., & Flaxel, A. (2019). *The Ethical Product Professional*. Product Institute.
11. Pichler, R. (2010). *Agile Product Management with Scrum: Creating Products that Customers Love*. Addison-Wesley.
12. Reinertsen, D. G. (2009). *The Principles of Product Development Flow: Second Generation Lean Product Development*. Celeritas Publishing.



Odontologia

Seu portal + sistema web



*Tenha seu site + sistema web para cadastrar
seus pacientes, prontuários, agenda, etc.*

VALORES MENSAIS

Visite Portal Exemplo...

<https://odontologia.ewsystemasecursos.com.br/>

Realização:

Ew Sistemas TI

(61) 4042-0701

<https://ewsystemasti.com.br>





Jony Zatariano


Jony Zatariano é um líder em marketing com sólida experiência internacional. Atuando como Head de Marketing em uma multinacional japonesa com mais de 130 anos de história, liderou a criação de centros globais de suporte e treinamento para a Furukawa, impulsionando a capacitação técnica em diversos países. Com dois MBAs - um em Estratégia de Marketing pela Fundação Getúlio Vargas (FGV) e outro em China Business & Economic Strategies for Managers pela The Chinese University of Hong Kong - alia conhecimento estratégico à aplicação prática em ambientes altamente desafiadores.

O Futuro da Liderança Não Cabe no Organograma! Seja um líder empreendedor da sua vida e da sua carreira.

Se liderança fosse apenas competência técnica, o mundo corporativo estaria repleto de líderes inspiradores. Mas não está. Pelo contrário. Nunca tivemos acesso a tanto conhecimento, tantas ferramentas e tantos métodos e mesmo assim seguimos convivendo com líderes incapazes de mobilizar pessoas, sustentar sentido ou criar futuro. Algo está claramente fora do lugar.


A falha não está na falta de estratégia, tecnologia ou performance, ela está na formação incompleta de quem lidera. Em um ambiente obcecado por métricas, velocidade e resultados imediatos, criamos gestores eficientes, mas líderes desconectados da própria humanidade. Pessoas que entregam números, mas esgotam times. É nesse desconforto silencioso que surge o verdadeiro líder empreendedor, não como um cargo ou status, mas como uma postura diante da vida. O DNA desse líder não nasce em manuais de gestão, nem se consolida apenas em MBAs ou frameworks corporativos. Ele é construído na prática, no erro, na paixão e, muitas vezes, fora do horário comercial. Sustenta-se em um tripé essencial para vida, formado por um propósito visionário, uma ação resiliente e conexão humana, formado por uma postura que, curiosamente, é treinada diariamente nos hobbies que escolhemos cultivar. Não por obrigação, mas, por escolha, por desejo.

Liderar sem propósito, hoje, é apenas administrar recursos — inclusive pessoas — até a exaustão. O propósito visionário deixou de ser um discurso bonito e passou a ser uma exigência. Ele aparece nas decisões difíceis, nos limites que o líder estabelece e na coragem de dizer “não” ao que não faz sentido, mesmo quando parece lucrativo no curto prazo. Líderes empreendedores enxergam além do cargo porque sabem que cargos passam e o que permanece é o impacto gerado. Eles conectam presente e futuro com intenção, não com ansiedade.



É nesse ponto que os hobbies revelam seu valor mais profundo. Diferente do trabalho, ninguém é obrigado a sustentar um hobby. Ele só existe se fizer sentido. É ali que o indivíduo reencontra aquilo que o move de verdade: foco, prazer, desafio, frustração, superação. Quando essa clareza atravessa a liderança, algo muda radicalmente. O porquê deixa de ser decorativo e passa a ser estrutural. Pessoas não se engajam apenas em tarefas; elas se conectam com visões que conversam com suas próprias histórias. Em ambientes de tecnologia, onde tudo muda rápido demais, propósito não é romantismo — é estabilidade estratégica. Mas visão, sozinha, não sustenta nada. Visão sem ação vira vaidade intelectual e ação sem resiliência se transforma em imprudência. Um verdadeiro líder entende que o caminho real é feito de falhas, frustrações e ajustes constantes. Ele não busca controle absoluto, porque já aprendeu que isso é uma ilusão. Em vez disso, constrói capacidade de resposta. A pergunta nunca foi se algo vai dar errado, mas quando.

Hobbies ensinam isso de forma honesta e, muitas vezes, brutal. No esporte, na estrada, na arte ou em qualquer prática constante, não existem atalhos. O corpo cansa, a mente falha, o erro aparece. E então surge a escolha que define o líder: desistir ou aprender. Essa vivência constrói um tipo raro de liderança — aquela que não entra em colapso diante da pressão. Líderes resilientes não terceirizam culpa, não se escondem atrás de processos e não paralisam diante do erro. Eles ajustam, seguem e aprendem. Ainda assim, nenhum propósito se sustenta e nenhuma ação prospera sem que nos conectemos com as pessoas que fazem parte disso tudo. Aqui está uma verdade que muitos evitam encarar: resultados consistentes não são gerados por sistemas, mas por pessoas emocionalmente engajadas. A liderança que ignora isso pode até escalar números, mas dificilmente sustenta cultura. Conexão humana não é ser permissivo, nem exercer uma empatia performática. É ser presente, consciente e interessado. É compreender que pessoas não deixam empresas — deixam líderes. E, cada vez mais, deixam ambientes tóxicos onde não se sentem confortáveis, onde não se sentem vistas.



Os hobbies voltam a cumprir um papel transformador nesse contexto. Eles ampliam empatia, ensinam respeito ao ritmo do outro e desenvolvem escuta. Em práticas coletivas, aprendemos sobre confiança e colaboração. Em hobbies individuais, desenvolvemos autoconhecimento e consciência emocional. Quem aprende a perder, treinar junto ou evoluir aos poucos fora do trabalho leva essas habilidades, quase sem perceber, para dentro dele. Em áreas altamente disputadas, conexão humana deixou de ser diferencial competitivo. Virou pré-requisito de sobrevivência.

Talvez o maior equívoco do mundo corporativo contemporâneo seja tratar vida pessoal e carreira como universos isolados. Líderes empreendedores fazem o movimento contrário: integram. Os Hobbies que nos inspiram e constroem nossos perfis não são distração nem fuga, são aprendizados. Eles treinam visão, resiliência e humanidade sem PowerPoint, sem KPIs artificiais e sem discursos vazios.

O futuro da liderança não pertencerá a quem acumula cargos, mas a quem constrói sentido. Não a quem fala mais alto, mas a quem sustenta presença. Não a quem tenta controlar tudo, mas a quem inspira pessoas a caminhar juntas. No fim, o DNA do líder empreendedor é simples — e profundamente desafiador: viver de forma coerente com aquilo que se espera liderar. Porque liderança não começa no organograma, nem termina no crachá. Ela começa nas escolhas diárias, na forma como você vive, aprende, cai e se reconstrói.

Para ser um líder empreendedor, você não precisa ter uma empresa e nem necessita ter uma equipe, e com esse espírito eu te faço um convite: “Seja um líder empreendedor da sua vida. Seja um líder empreendedor da sua carreira.”

Vamos juntos levar esse conteúdo para o seu próximo evento?

Siga-me no Instagram **@jonyzatariano**

✉ Fale comigo em jony@zatariano.com.br.



ADVOGADO + SEU PORTAL + SISTEMA WEB

Tenha a gestão do seu escritório



VALORES MENSAIS

Visite Portal Exemplo...

<https://advogados.ewsistemasecursos.com.br/>

Realização:

(61) 4042-0701

<https://ewsistemasti.com.br>



Ew Sistemas





Dra. Gessica Moura Fonteles

Advogada. Consultora Jurídica e Pesquisadora em ESG, Governança e Direito Ambiental e Empresarial. Mestre em Direito pelo Programa de Pós Graduação em Direito Stricto Sensu da Universidade Federal do Piauí, cuja linha Ordem Privada (2023-2025). Bolsista CAPES (2023-2025). Pesquisadora Visitante na Faculdade de Direito da Universidade de São Eduardo Tomasevicius Filho, Livre-Docente em Direito Civil pela USP (2024). Juíza Leiga formada pela Escola Superior da Magistratura atuando na 19 Unidade do JECC da Comarca de Fortaleza-CE. Membro da Junta de Análise e Julgamento de Processos de Fiscalização Urbana Revista Carreiras TI (ISSN 2675-9454).

Entre a Pessoa e o Algoritmo: a “Alma Digital” dos influenciadores, a Constituição Brasileira e os limites jurídicos da cessão de imagem e voz na era da Inteligência Artificial

As recentes reportagens veiculadas por veículos como Exame (2025), Forbes Brasil (2025) e outros meios jornalísticos nacionais noticiaram a celebração de acordo bilionário envolvendo o influenciador Khaby Lame, por meio do qual teria sido autorizada a utilização ampla de sua imagem, voz, gestos e padrões comportamentais para a criação de um denominado “gêmeo digital”, operado por sistemas de inteligência artificial. A operação foi descrita como a venda da chamada “alma digital”, expressão metafórica que traduz a mercantilização intensificada da identidade humana no ambiente tecnológico contemporâneo.

O fenômeno extrapola a lógica tradicional do marketing de influência e inaugura um novo paradigma jurídico: a transformação da pessoa natural em ativo digital potencialmente autônomo, capaz de operar de forma contínua e desvinculada da manifestação atual de vontade de seu titular. Tal realidade impõe uma reflexão aprofundada acerca dos limites da autonomia privada e da tutela jurídica da personalidade no contexto da economia de dados, da automação comunicacional e da inteligência artificial.

1. A proteção constitucional da imagem, da voz e da dignidade da pessoa humana

A Constituição da República Federativa do Brasil de 1988 consagra proteção expressa aos direitos da personalidade. O art. 5º, incisos V e X, assegura a inviolabilidade da honra, da imagem, da intimidade e da vida privada, garantindo indenização por danos materiais, morais ou à imagem decorrentes de sua violação (BRASIL, 1988).

A imagem e a voz constituem projeções diretas da personalidade e encontram-se intrinsecamente vinculadas ao princípio da dignidade da pessoa humana, erigido a fundamento da República no art. 1º, III, da Constituição Federal. A dignidade humana opera como valor-fonte do sistema constitucional, irradiando limites à autonomia privada sempre que a pessoa corre o risco de ser reduzida à condição de objeto econômico ou tecnológico.

Nesse sentido, embora seja juridicamente admissível a exploração econômica da imagem e da voz, tal utilização não pode conduzir à supressão do controle existencial do indivíduo sobre sua própria identidade, sob pena de esvaziamento do núcleo essencial dos direitos fundamentais.

2. Os direitos da personalidade no Código Civil brasileiro

No plano infraconstitucional, o Código Civil brasileiro disciplina os direitos da personalidade nos arts. 11 a 21. O art. 11 estabelece que tais direitos são intransmissíveis e irrenunciáveis, admitindo-se apenas limitações voluntárias nos casos previstos em lei (BRASIL, 2002).

Da interpretação sistemática desses dispositivos decorre que a cessão da imagem e da voz possui natureza jurídica funcional, específica e condicionada, não se confundindo com alienação definitiva da identidade pessoal. A autorização contratual para uso econômico não rompe o vínculo jurídico entre a pessoa e suas manifestações existenciais, nem afasta a incidência dos princípios da dignidade, da boa-fé e da proteção da personalidade.

Assim, qualquer contrato que pretenda transformar a imagem ou a voz em ativo completamente dissociado da pessoa encontra limites claros no ordenamento civil brasileiro.

3. Jurisprudência do STF: limites da autonomia privada e impossibilidade de renúncia absoluta

Embora o Supremo Tribunal Federal ainda não tenha enfrentado diretamente casos envolvendo clones digitais produzidos por inteligência artificial, sua jurisprudência é firme no sentido de que direitos fundamentais não podem ser objeto de renúncia absoluta, permanente ou irrestrita.

O Tribunal tem reiteradamente afirmado que a autonomia privada encontra limites nos direitos fundamentais, especialmente quando em jogo a dignidade da pessoa humana. Na ADI 3510, o STF reconheceu a dignidade como vetor interpretativo e limite material tanto para atos estatais quanto para condutas privadas, inclusive em contextos de avanço científico e tecnológico.

No âmbito do Tema 837 da repercussão geral, o STF discutiu os limites da liberdade de expressão em face dos direitos à honra e à imagem, assentando parâmetros para a responsabilização civil e para a possibilidade de restrição de publicações quando configurado abuso, ainda que exista autorização prévia ou interesse econômico envolvido (RE 662055).

A Corte também reconhece que autorizações contratuais não afastam o controle judicial quando houver violação ou abuso de direitos fundamentais, sendo incompatível com a Constituição qualquer forma de renúncia definitiva à proteção da personalidade. À luz desse entendimento, uma cessão vitalícia, irrevogável e irrestrita da imagem e da voz se mostra incompatível com o ordenamento jurídico brasileiro, sobretudo quando impede o exercício futuro do direito de oposição ou revogação.

4. Inteligência artificial, deepfakes e riscos jurídicos comprovados

A criação de clones digitais hiper-realistas amplia de forma significativa os riscos jurídicos e sociais associados à exploração da imagem e da voz. A reprodução sintética dessas manifestações rompe a relação direta entre ação comunicativa e vontade do titular, potencializando danos inéditos.

Estudos científicos de acesso aberto demonstram que sistemas de inteligência artificial capazes de replicar imagem e voz humanas ampliam os riscos de desinformação, fraude e manipulação social. Pesquisa publicada na revista *Frontiers in Artificial Intelligence* evidencia que deepfakes altamente realistas comprometem a confiança pública e dificultam a responsabilização jurídica, sobretudo quando associados a figuras públicas.

Outros estudos indicam que a utilização de avatares digitais hiper-realistas intensifica a vulnerabilidade dos usuários, amplia assimetrias informacionais e favorece práticas enganosas em ambientes digitais.

Entre os principais riscos, destacam-se:

- a disseminação de fake news mediante uso da imagem e da voz do influenciador para transmitir informações falsas com elevado grau de credibilidade;
- a prática de crimes digitais, como fraudes, estelionatos e publicidade enganosa;
- a vulnerabilização dos usuários, que muitas vezes não distinguem a pessoa real do avatar algorítmico, ampliando a assimetria informacional.

Tais elementos reforçam a necessidade de interpretação dos direitos da personalidade à luz da sociedade digital e da inteligência artificial.

5. A “alma digital” e a responsabilidade jurídica

A autonomização da imagem e da voz por meio da inteligência artificial gera um problema jurídico central: a dissociação entre autoria, vontade e manifestação. Quando um clone digital realiza atos comunicativos, impõe-se a necessidade de delimitar responsabilidades civis e, eventualmente, penais.

À luz do ordenamento jurídico brasileiro, a cessão de imagem não transfere a titularidade do direito da personalidade, tampouco legitima usos que exponham terceiros a riscos ou violem direitos fundamentais dos usuários. Nessas hipóteses, subsiste a possibilidade de responsabilização com fundamento nos princípios constitucionais e civis vigentes.

Considerações finais

de conversão da pessoa humana em mero instrumento algorítmico.

O caso de Khaby Lame simboliza uma inflexão relevante na economia digital contemporânea: a passagem da pessoa humana à condição de ativo algorítmico permanente. Todavia, o Direito brasileiro, estruturado sobre o princípio da dignidade da pessoa humana, não admite a completa dissociação entre identidade e titular.

A cessão de imagem e voz é juridicamente possível, mas não pode assumir caráter vitalício, absoluto ou imune à revogação, especialmente quando envolve tecnologias capazes de autonomizar a identidade humana. A chamada “alma digital” pode gerar valor econômico expressivo, mas não pode ser juridicamente apartada da dignidade que lhe confere fundamento.

O fenômeno da denominada “venda da alma digital” representa um desafio estrutural ao Direito contemporâneo. O avanço da inteligência artificial impõe não a flexibilização dos limites jurídicos da personalidade, mas sua reafirmação, sob pena de conversão da pessoa humana em mero instrumento algorítmico.

Referências

BRASIL. Constituição (1988). Constituição da República Federativa do Brasil. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm. Acesso em: 2 fev. 2026.

BRASIL. Lei nº 10.406, de 10 de janeiro de 2002. Código Civil. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2002/l10406.htm. Acesso em: 2 fev. 2026.

CORREIO 24 HORAS. Influenciador famoso vende a própria ‘alma digital’ em acordo de quase R\$ 5,13 bilhões. Correio 24 Horas, 30 jan. 2026. Disponível em: <https://www.correio24horas.com.br/em-alta/influenciador-famoso-vende-a-propria-alma-digital-em-acordo-de-quase-r-513-bilhoes-0126>. Acesso em: 2 fev. 2026.

EXAME. Mais seguido do TikTok, influenciador ganha mais de US\$ 900 milhões com ‘venda silenciosa’. Exame, 26 jan. 2026. Disponível em: <https://exame.com/pop/mais-seguido-do-tiktok-influenciador-ganha-mais-de-us-900-milhoes-com-venda-silenciosa/>. Acesso em: 2 fev. 2026.

FORBES BRASIL. Khaby Lame vende empresa por US\$ 900 milhões e mira US\$ 4 bilhões em receita anual. Forbes Brasil, 2026. Disponível em: <https://forbes.com.br/forbes-money/2026/01/khaby-lame-vende-empresa-por-us-900-milhoes-e-mira-us-4-bilhoes-em-vendas-anuais/>. Acesso em: 2 fev. 2026.

MIGALHAS. Voz, imagem e IA: o direito autoral diante de uma nova tecnologia. Migalhas, 8 de jan. 2025. Disponível em: <https://www.migalhas.com.br/depeso/448004/voz-imagem-e-ia-o-direito-autoral-diante-de-uma-nova-tecnologica>. Acesso em: 2 fev. 2026.

SUPREMO TRIBUNAL FEDERAL. ADI 3510. Relator Ministro Ayres Britto. Disponível em: <https://redir.stf.jus.br/paginadorpub/paginador.jsp?docTP=AC&docID=611709>. Acesso em: 2 fev. 2026.

SUPREMO TRIBUNAL FEDERAL. RE 662055 (Tema 837). Relator Ministro Luís Roberto Barroso. Disponível em: <https://portal.stf.jus.br/jurisprudenciaRepercussao/verAndamentoProcesso.asp?incidente=4161468&numeroProcesso=662055&classeProcesso=RE&numeroTema=837>. Acesso em: 2 fev. 2026.

Algum destes sintomas já aconteceu na sua TI?

**Rede lenta,
Desorganização,
Altos \$\$\$ de reparo,
Insatisfação com a rede,
Lentidão ao localizar problemas,
Dificuldade para resolver problemas,
Não aproveitamento do potencial da TI.**

Se a resposta for pelo menos 2 destes itens acima, então é o momento de você pensar em fazer uma avaliação de classificação de maturidade da sua rede de TI por meio de uma consultoria externa para diagnosticar e colocar em ação um plano para melhoria!

Não deixe de aproveitar as oportunidades de melhoria.

Consulte:



Telefone/WhatsApp: (47) 98832-5550 – Juliano H. Reinert
E-mail: juliano.pmi@gmail.com

Rua Dr. Plácido Olímpio de Oliveira, 1175, 801, edifício Saint Germain
Joinville – SC, Santa Catarina. CEP 89.202-165



Juliano Heinzmann Reinert

É mestre em Engenharia de Produção com foco em inovação, especialista com MBA FGV em Gerenciamento de Projetos (simplificado), graduado em Automação Industrial (ênfase em TI), também possui certificações em gestão e TI: CCTT Fluke, COBIT, Data Cabling System MCT Fluke, FCP Profissional, FCP Fibras Ópticas, FCP Master, IAPM. Sua vivência profissional inclui 25 anos de experiência: gestão de projetos, projetos de infraestrutura de TI, consultorias em empresas, estratégias financeiras, instrutor Furukawa. Sua experiência internacional é focada nos E.U.A e Alemanha com visitas, atuação e treinamentos em: IBM, Nortel, Porsche, BMW, Mahle, AMK, Hannover Messe, Paulaner, Jena e Braunschweig University. No Brasil já atuou em várias indústrias, também no CNJ, FIESP, PRF, CREA, DSOP, ACIJ, ACIJS e publicações em revistas. Atualmente é instrutor e produtor de conteúdo para Furukawa Electric (Instrutor homenageado nos 20 anos do IFT), consultor em indústria x.0, mentor em carreira de TI, professor de pós-graduação em várias instituições, instrutor da Softsell e Fenômenos aprendizagem, Diretor da H&R Management, Sócio da Bauwerk e colunista da Revista Carreiras TI. É autor de 3 livros: "Projetos de infraestrutura de TIC", "Gerenciamento de projetos de Inovação e P&D" e "Brasil: Podemos evoluir da indústria 4.0 para a Indústria e Sociedade 5.0?"
LinkedIn: <https://br.linkedin.com/in/juliano-heinzmann-reinert-b2248983>.

O gestor de infraestrutura que virou gestor de negócios: a nova carreira em TI

Durante muitos anos, o profissional de infraestrutura de TI foi visto como alguém essencialmente técnico, responsável por manter servidores no ar, garantir conectividade, gerenciar *storage* e resolver incidentes. Seu valor estava associado à profundidade do conhecimento em ferramentas específicas, marcas, versões e comandos. Esse perfil foi fundamental em um período em que a tecnologia era complexa, cara e pouco acessível. No entanto, esse cenário mudou de forma acelerada — e 2026 marca um ponto de virada claro para a carreira em infraestrutura de TI e estamos no começo do ano, momento de pensar e replanejar.

Hoje, as empresas querem menos "especialistas de ferramenta" e mais líderes capazes de conectar tecnologia, negócios, risco e estratégia. O gestor de infraestrutura deixou de ser apenas um guardião técnico para se tornar um gestor de negócios com forte base tecnológica. Essa transformação não é modismo, é uma resposta direta às novas demandas corporativas.

Por que essa mudança acontece agora? 3 fatores principais explicam esse movimento.

O primeiro é a commoditização da tecnologia. Cloud computing, automação, infraestrutura como código e serviços gerenciados reduziram drasticamente a necessidade de conhecimento profundo em ferramentas específicas para operações básicas. Subir um servidor, configurar um ambiente ou escalar recursos já não é mais diferencial competitivo. E ainda temos a IA (inteligência artificial) que facilita tudo, basta perguntar.

O segundo fator é o aumento da complexidade decisória. Embora as ferramentas estejam mais simples, as decisões ficaram mais difíceis. Escolher entre cloud, on-premises ou híbrido, avaliar custos recorrentes, gerenciar contratos, mitigar riscos de segurança e garantir continuidade de negócio exige visão sistêmica — não apenas técnica.

Gestão de Projetos e Infraestrutura de TI na prática!

O terceiro fator é a pressão por resultado financeiro. Em 2026, TI não é mais centro de custo invisível. Cada decisão de infraestrutura impacta diretamente OPEX, CAPEX, margem e competitividade. Por isso, empresas buscam gestores que falem a linguagem do negócio, que não sejam muito técnicos na hora de explicar, mas foquem suas energias nos resultados.

Hard skills que perderam relevância

Isso não significa que conhecimento técnico deixou de ser importante. Ele continua sendo a base. O que mudou foi o peso relativo de algumas hard skills.

Conhecimentos extremamente específicos e operacionais, como:

- administração profunda de um único conhecimento,
- domínio exclusivo de um fabricante,
- execução manual de tarefas repetitivas,
- foco excessivo em troubleshooting de baixo nível,

Já não diferenciam carreiras de liderança. Essas competências continuam existindo, mas estão cada vez mais automatizadas, terceirizadas ou distribuídas entre times.

Outro ponto importante é a dependência excessiva de certificações de ferramenta como único diferencial. Certificações continuam relevantes, mas não garantem mais crescimento profissional se não vierem acompanhadas de visão estratégica e capacidade de tomada de decisão. Alinhar a estratégia empresarial com as tecnologias é essencial.

Soft skills que viraram obrigatórias

Se algumas hard skills perderam protagonismo, as soft skills se tornaram essenciais para quem quer crescer em infraestrutura.

A primeira delas é a capacidade de comunicação. O novo gestor de infraestrutura precisa traduzir temas técnicos em impacto financeiro, risco operacional e valor para o negócio. Falar apenas com outros técnicos já não é suficiente.

A segunda é o entendimento financeiro. Ler um DRE (empresa ganhou ou perdeu?), compreender orçamento, justificar investimentos, calcular ROI, TCO e impacto de decisões arquiteturais no custo total virou parte do trabalho.

A terceira é a gestão de risco. Segurança da informação, continuidade, dependência de fornecedores, compliance e resiliência não são mais temas exclusivos de áreas específicas. O gestor de infraestrutura participa ativamente dessas decisões.

Por fim, destaca-se a liderança. Times híbridos, profissionais remotos, fornecedores externos e ambientes altamente dinâmicos exigem líderes que saibam priorizar, delegar, negociar e desenvolver pessoas.

O novo perfil do gerente de infraestrutura

O gerente de infraestrutura em 2026 é um profissional híbrido. Ele entende de tecnologia profundamente, mas não se define por ela. Seu papel é orquestrar decisões, não executar tarefas.

Gestão de Projetos e Infraestrutura de TI na prática!

Esse novo perfil:

- participa do planejamento estratégico da empresa;
- influencia decisões de investimento;
- avalia riscos tecnológicos sob a ótica do negócio;
- define arquiteturas alinhadas a crescimento, custo e segurança;
- atua como ponte entre TI, finanças, jurídico e áreas de negócio.

Mais do que saber “como fazer”, ele sabe por que fazer, quando fazer e se vale a pena fazer.

Esse profissional também entende que dizer “não” faz parte do trabalho. Nem toda solução tecnicamente possível é financeiramente viável ou estrategicamente correta.

O que estudar em 2026 para seguir esse caminho

Para quem deseja se posicionar nessa nova carreira, o plano de estudos precisa ir além da tecnologia pura.

Em finanças para TI: garantir que investimento em tecnologia geram valor para o negócio, TCO, ROI, análise de custos, modelos de contrato e licenciamento, orçamento, forecast (o que vai acontecer no futuro para evitar surpresas).

Para a arquitetura e estratégia: Cloud híbrida e multicloud, arquitetura orientada a resiliência, infraestrutura escalável e sustentável, decisões baseadas em risco, não apenas em performance.

Para a governança e risco: segurança da informação, continuidade de negócios, compliance e LGPD, gestão de fornecedores.

Em gestão e liderança: gestão de times técnicos, comunicação com executivos, negociação e influência, gestão de mudanças.

Para visão de negócio: Entendimento do mercado da empresa, modelos de receita, cadeia de valor, impacto da tecnologia na competitividade.

Conclusão

A carreira em infraestrutura de TI está longe de acabar, porém mudou profundamente. O profissional que insistir em se definir apenas como especialista de ferramenta corre o risco de estagnação. Em contrapartida, quem ampliar sua atuação e assumir o papel de gestor de negócios com base tecnológica encontra um campo fértil de oportunidades.

Em 2026, o diferencial não está em saber mais informações técnicas, mas em tomar melhores decisões. O gestor de infraestrutura que entende de finanças, risco e estratégia deixa de ser apenas um suporte técnico e se torna um agente direto de crescimento e sustentabilidade do negócio.

Essa é a nova carreira em TI, mais desafiadora, mais estratégica e, sem dúvida, mais relevante do que nunca! Aproveite a oportunidade.

Escalada Ágil

- Certificações Ágeis



Ew Sistemas **TI**

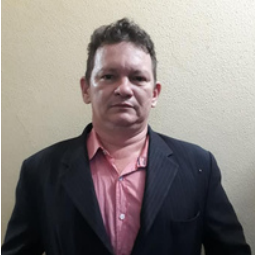
- Simulados

- Kanban

- SAFe

- PSM e PSPO

Escalada Ágil - Academy



Wislen Paiva

Wislen Paiva Vasconcelos CRP-1119961

Psicólogo Clínico

Egresso da turma 2018 graduado em Psicologia pelo Uninta campus Itapipoca-Ce

Pós graduação em musicoterapia em curso

Escritor, poeta, músico, compositor, letrista e Colunista na revista carreiras TI e

Gleice Soares Magalhães formada em psicologia pelo Uninta Campus Itapipoca CE.

OS VILÕES, VOCÊ E SUA SAÚDE MENTAL EM TEMPOS LÍQUIDOS

Quando eu era criança e assistia filmes, desenhos animados, novelas, series, ou até lia gibis, sempre torcia pelos mocinhos, os vilões sempre eram vilões, e sempre se davam mal, claro que sempre dava a lógica, o óbvio, ninguém questionava nem ao menos pensava na possibilidade dos bandidos, dos facínoras, de alguém do lado malvado da história sair vencendo no final, seria muito inverossímil, fora da realidade, digo, com toda certeza que seria até impossível se pensar que algum dia o mal venceria alguma coisa, que teriam um final feliz, e apenas eles, os malvados, que praticavam tais atos, ousariam acreditar que chegariam ao final da história triunfantes, que se dariam bem, ou que seriam vencedores.

Pelo contrário, até mesmo aqueles que praticavam o mal já sabiam que, no fim, teriam um destino trágico. Ainda hoje, no mundo do crime, prevalece a máxima de que o bandido sabe o seu final, que é a cadeia ou o caixão. Essa máxima, absorvida ainda na infância e sedimentada ao longo da adolescência, permaneceu por décadas alojada no inconsciente coletivo como uma espécie de bússola moral. Ela não apenas orientava comportamentos, mas delimitava fronteiras éticas claras, formando, em sua maioria, indivíduos honestos, corretos e socialmente responsáveis. A maldade não era um valor, tampouco um atalho; era um desvio. Viver em sociedade significava preservar a própria reputação, honrar a palavra dada e merecer a confiança alheia.

Você pode até vir a perguntar, até com uma certa ironia, se naquele tempo não existiam pessoas más/cruéis, psicopatas, facínoras, marginais? Evidentemente que lhes digo, claro que sim, claro que existiam. Contudo, eram figuras periféricas, quase invisíveis no corpo social, com raras exceções que só confirmavam a regra. Talvez não ultrapassem 0,010% da população. O peso do julgamento coletivo funcionava como um tribunal silencioso e eficaz: ninguém queria carregar o estigma de ser alguém que não inspirava crédito, respeito ou segurança.

Estou falando aqui das décadas de 70, 80 e 90, um período em que os limites eram compreendidos antes mesmo de serem transgredidos. A chegada dos anos 2000 não representou apenas uma mudança de calendário, mas uma inflexão civilizatória. O telefone ainda tinha fio, a internet era um rumor distante e os computadores, notebooks e celulares habitavam apenas o território da ficção, algo como nos desenhos animados dos *"Jetsons"*, ou em séries como *"Perdidos no Espaço"* e até em obras literárias que chegaram as telas do cinema tais como *"2001: Uma Odisseia no Espaço"* e *"Westworld: Onde Ninguém Tem Alma"*. Paradoxalmente, era um mundo com menos máquinas e mais consciência, menos conexões virtuais e mais responsabilidade moral, onde o medo maior não era a exclusão digital, mas a falência do caráter.

Porém, desde os primórdios da narrativa humana, os vilões desempenham um papel fundamental em nossas histórias, vilões como o "Coringa" do Batman e ou "Hannibal Lecter" personagem do best-seller *"O Silêncio dos Inocentes"* de Thomas Harris que posteriormente chegou as telas do cinema consagrando o ator Anthony Hopkins que desempenhou magistralmente no papel do personagem principal do filme, que por sinal era o vilão da história, esses personagens não apenas nos entretêm, mas também moldam profundamente nossa compreensão sobre saúde mental e transtornos psicológicos.

A literatura e o cinema há muito tempo associam a vilania à doença mental. Essa conexão não é acidental, mas sim uma construção narrativa que serve a propósitos específicos: criar personagens imprevisíveis, implementar ações extremas e, muitas vezes, simplificar motivações complexas. O vilão "louco" e "psicopata" tornou-se tão comum que raramente questionamos suas implicações.

Os vilões ficcionais frequentemente apresentam características exageradas de transtornos mentais reais tais como: na esquizofrenia, que é uma realidade onde é retratada com suas múltiplas personalidades violentas, já o Transtorno Bipolar é exibido apenas em seus extremos mais dramáticos, e a Psicopatia é universalmente associada à violência serial, no caso da Depressão, ela é romantizada, ou completamente ignorada em favor de manifestações mais "cinematográficas".

A representação consistente de pessoas com transtornos mentais, então como os vilões criam e reforçam os estigmas profundos na sociedade em que convivem. Pesquisas mostram que a exposição dessas representações pode aumentar o medo em relação a pessoas com diagnósticos de saúde mental, ou reduzir a empatia e a compreensão sobre essas condições, além de desencorajar a busca por ajuda profissional, sendo que dessa forma, tende-se a perpetuar a discriminação no ambiente de trabalho e social.

Ao contrário do que a ficção sugere, pessoas com transtornos mentais são muito mais propensas a serem vítimas de violência, as estatísticas mostram que apenas de 3 a 5% dos crimes violentos são cometidos por pessoas com doenças mentais graves, enquanto elas, as pessoas que tem transtornos têm 10 vezes mais chances de serem vítimas de crimes violentos do que as pessoas que não tem transtornos. Quando consumimos repetidamente conteúdo que associa doença mental à vilania, internalizamos esses preconceitos de forma inconsciente. Isso pode afetar: na autoestima de pessoas que vivem com transtornos mentais, seus relacionamentos interpessoais e dinâmicas familiares, e as decisões de tratamento e busca por ajuda profissional acabam por serem sabotadas e ou adiadas, ficando em stand by, e por consequência as políticas públicas acabam por se isentar do compromisso com a saúde mental e deixam de fazer o necessário com os recursos que tem para prevenir e acolher as pessoas que precisam de tratamento na sua saúde mental.

Paradoxalmente, alguns vilões carismáticos podem levar à identificação problemática, especialmente entre jovens vulneráveis. Personagens como o Coringa podem ser romantizados, levando a uma compreensão distorcida sobre transtornos mentais e suas manifestações. O Coringa, é um dos vilões mais icônicos da cultura pop, símbolo de Caos Mental, exemplifica perfeitamente a representação da saúde mental. Suas diferentes interpretações ao longo dos anos mostram como a sociedade projeta seus medos sobre doença mental em personagens fictícios, vide que o ator Heath Ledger que ao interpretar o personagem acabou por não conseguir sair do personagem e mergulhou em suas dores de uma tal maneira que acabou por tirar a própria vida, e tem o caso da magistral interpretação de Joaquim Phoenix, a mais aclamada e considerada a mais perfeita interpretação pro personagem em todos os tempos, num filme onde o Coringa é o personagem principal e não o Batman.

Já a representação de Hannibal Lecter criou um arquétipo do "psicopata genial" que distorce completamente a realidade dos transtornos de personalidade, criando expectativas irreais e medos infundados, O Psicopata Intelectual. Outro filme que trás um personagem icônico, complexo e cultuado até hoje, foi Psicose onde seu personagem principal Norman Bates trouxe a tona diversos tipos de traumas que uma pessoa pode vir a ter e por causa deles cometer atrocidades, num filme de Alfred Hitchcock em preto e branco que é cultuado por gerações e gerações de fãs, o personagem distribuiu conexões problemáticas entre traumas infantis, transtornos dissociativos e comportamento violento, influenciando décadas de representações semelhantes.

As Organizações de saúde mental têm diretrizes desenvolvidas para representação mais responsável e dessa forma, evitar estereótipos simplistas e ambiciosos, felizmente, algumas produções recentes têm tentado abordar a saúde mental de forma mais nuançada e responsável, mostrando personagens complexos que lidam com desafios mentais sem serem vilões ou vítimas, e sim pessoas comuns, que também podem e têm transtornos mentais.

É importante considerar quando o consumo de mídia está afetando níveis cada vez maiores de nossa percepção ou bem-estar mental, estabelecendo limites de segurança e buscando conteúdo mais equilibrado. Os profissionais da área precisam estar cientes de como a influência da mídia podem afetar as percepções de seus pacientes e da sociedade, trabalhando ativamente para desmistificar conceitos errôneos e educar sobre a realidade dos transtornos mentais, promovendo, assim representações mais precisas para apoiar iniciativas de conscientização.

Portanto, a relação entre vilões ficcionais e nossa percepção da saúde mental é complexa e profundamente enraizada em nossa cultura. Embora essas representações possam ter propósitos narrativos, é crucial considerar seu impacto real na vida de milhões de pessoas que vivem com transtornos mentais. Como sociedade, temos a responsabilidade de consumir mídia de forma crítica, apoiar representações mais precisas e trabalhar para desconstruir os estigmas que essas representações perpetuam. Somente através da educação, empatia e representação responsável poderemos criar um ambiente onde a saúde mental seja detalhada com a complexidade e nuance que merece.

Pois, a ficção continuará a ser uma parte importante de nossas vidas, mas podemos exigir que ela reflita a humanidade completa das pessoas que vivem com desafios de saúde mental, em vez de reduzi-las a tropos específicos e estereótipos simplistas. O futuro da representação da saúde mental na mídia depende de nossa disposição coletiva de questionar, educar e transformar as narrativas que contamos sobre nós mesmos e sobre os outros.

Contudo percebe-se que a geração Z atualmente tem buscado ingressar no mundo do crime por estarem cada vez mais imersos nas redes sociais e nelas cultuando influenciadores e seus mundos de paisagens e retratos perfeitos, mas que por trás de tudo aquilo estão imersos em um mundo marginal que produz e financia a vida de luxo e ostentação deles, mas que gourmetizam de uma certa forma o erro, fazendo-os parecer o certo, e ou quando podem ironizam e deixam transparecer que o grau de impunidade aos quais são favorecidos é para todos que aceitarem participar daquele estilo de vida ao qual eles estão.

É possível notar que estes marginais atuais, não são como outrora, apenas pessoas das classes menos favorecidas, carentes, e que por incrível que pareça são pessoas estudadas, profissionais que simplesmente mudaram a sua maneira de ver o mundo, que são pessoas que nasceram em berços mais abastados, mas que viraram vilões da própria história Essa tal gourdertização dos crimes e normalização de que vale a pena desfrutar, do que é proporcionado, fez-se criar uma nova máxima entre eles, que é, "só é preso quem não tem dinheiro pra ser solto".

Enfim, honestidade deixou de ser obrigação e virou qualidade de poucos, logo uma pessoa honesta é zoada por praticar aquilo que acredita, o caráter humano é algo espelhado, desenvolvido pelos neurônios espelhos que temos, o espelhamento é comum na convivência de todos, quem tem bons exemplos aprende o bom, quem tem maus exemplos ou nenhum exemplo vai par o lado mais fácil de seguir.

Não se muda caráter, mas se molda às tendências, a terapia pode ajudar muito nesta modelagem, procure fazer terapia o quanto antes.

Salmos 34:1

"LOUVAREI AO SENHOR EM TODO O TEMPO; O SEU LOUVOR
ESTARÁ CONTINUAMENTE NA MINHA BOCA."

LEIA A BÍBLIA!



PRÓXIMA EDIÇÃO - MARÇO 26

- 1) Entrevista com Profissionais da Área TI;
- 2) Mercado de TI;
- 3) Empodere-se no Direito;
- 4) Carreiras de TI;
- 5) Colunas: Liderança Ágil, Novidades em TI, Aprender-Desaprender-Reaprender e Gerenciamento de Projetos;
- 6) Diversos outros assuntos.

NÃO PERCAM!!!



<https://carreirasti.ewsistemasti.com.br>

Revista Carreiras TI



Realização:

Ew Sistemas TI

(61) 4042-0701

Voz e Whatsapp

comercial@ewsystemasti.com.br

<https://carreirasti.ewsystemasti.com.br>